

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS

POEMAS DA ROSA

**Salvador / Bahia
2004**

Et rose elle a vécu ce qui vivent les roses /L' espace d'un matin.

Malherbe

De mémoire de rose, on n'a jamais vu mourir un jardinier.

Diderot

O que seria da humanidade sem as rosas?

Anacreonte

*Rosa, oh pura contradição,
volúpia de ser o sono de ninguém
sob tantas pálpebras.*

Rainer Maria Rilke

*As rosas não falam,
simplesmente as rosas exalam
o perfume que roubam de ti.*

Cartola

*E eu que tenho rosas como tema
canto no compasso que quiser.*

Dorival Caymi

*Toutes les roses que je chante
Toutes les roses de mon choix
Toutes les roses que j'invente
Je les vante en vain de ma voix
Devant la Rose que je vois.*

Louis Aragon

O POETA E A ROSA

O poeta anda só em seu eito de pedra,
e em riste zunem lanças no peito sem veste,
e nesse batalhar sem fim e lato, medra
a púrpura da rosa, e seu espinho agreste.

As dores do poeta, reiteradamente,
esquecem a mão ferida, pois sabem da rosa.
E ao ver a flor de chama, arriscada e preciosa,
o menino que é permanece imprudente.

O sangue estua em brasa, e o olhar só quer a rosa,
envolta em natureza imprecisa e olorosa,
espinho de veludo ao tato do poeta.

Ele, ao chorar de dor, prefere sempre o pranto
à inanimidade fria de vida sem encanto,
apesar do estertor e da ferida aberta.

ROSA BRANCA

Fugiu a pomba do país das nuvens
sonho ou fantasma da morada humana
— é aquela rosa, lívida e mimosa,
Branca de Neve, parecendo morta.

Em barca de cristal vai-se, contida,
denso aroma e fulgor então se movem
para o momento imane da descida,
ao derramar perfumes, a corola.

E mais se guarda, a rosa em seu retiro
frágil, tão frágil, parecendo morta —
a sua essência aérea, luminosa,

fala sublime, na prece transida,
grácil, tão grácil, parecendo viva,
e o vento empurra o carrilhão das horas

ROSA SEROTONINA

Esta é a menina
a malina
menina
da rosa serotonina
discernida sua colheita
é inibida a ricocheta
deste fermento tão fino
pozinho de fazer rosa
crescer no chão do sertão
menina, nina, niña rosinha
sage enfant e crazy child
berückend Kind
linda, flor ascendendo
em letra, luz, mais luz,
ploppie!
serotonina – eis a rosa.

ROSA ROSAE

Há um canto de jardim
jamais visitado
contemplo-o agora
após tantos anos.

O sol já vai baixo
o dia se acosta
momento suspenso
de luz e penumbra.

Digo-vos da flor
vista num relance
pétalas de seda
em alma de carne.

Rosa
nunca saberei teu nome.

ROSA SECA

Do livro azul caiu a flor azul
em seda e sonho.

Lembra-me o instante, o meu amor
ido com as horas.

Hei de guardá-la ainda e sempre
na mesma página.

E o meu amor, vejo sua face,
de flor cerrada.

ROSA DE NEVE

Agora estanca o pensamento breve
olhando a neve de país sem hora.

Mas não tão breve
nem tão inerte
no instante aberto.

Olha a corola
fita seu rosto
rosa de neve.

Olha depressa:
o níveo da pétala
já se esvai no ar.

ROSA-PALAVRA

É paz, e é noite
garoa o ar
névoa cerrada.

Tudo repousa.
Flor e perfume
no ar profundo.

Abre-se a porta
da concha oclusa
no mar imóvel.

A fala afoita
desfaz a rosa
no altar de bruma.

ROSA TERÇA

Foi-se uma pétala ao vento
mostra-se o instante mais denso.

Descubro a face
da flor velada
em limo de horas.

Em sua corola
escrevem um nome
mas quem o vê?

Calibro as lentes
e leio a efígie
da flor pagã

...e te batizo
teu nome é rosa,
Rosa Terça.

A BESTA-ROSA

broto de rosa
pólen de rosa
nata de rosa
alma de rosa

a rosa incerta
rosa

em suas pétalas
em suas sépalas
em suas folhas
em sua haste
em seu estame
em seu ditame
em sua raiz –
o seu espinho.

A rosa é má
a rosa fere
é egoísta
não tem vergonha
não ama ninguém.

Ah, rosa fera
ah, besta-rosa.

ROSA PENITENTE

...solta-se a rosa
vê seu delito
toda a beleza
tonta e fugaz
em um jardim
parco e arriscado

purga-se a rosa
de seus excessos
– os seus pecados
– dobra os joelhos
clama por Deus

reza, essa rosa
alma de dor:

rasga-se a rosa
a rosa expira.

É a rosa pura
a rosa cândida
rosa serena

É a rosa mística.
Rosa.

3º. MOTIVO DA ROSA PARA CECÍLIA MEIRELES

Chegasse ela
na madrugada
Achava o rosto
na tua face,
Santa Cecília,
sopro de éter,
de maravilha,
e nessas romãs,
matiz de brasa
fio desta lâmina
em nossa casa?

Se ela te visse
na madrugada
talvez libasse, já ausente e sôfrega
teu olor de uvas, gosto de nêspira.
Talvez seu gesto tal uma estrela
colhesse a linfa, ao dizer, serena:
“Estou contigo, por que esperar?”.

Mas por onde vaga a mão amiga
de rosas feita, Santa Cecília?

Por isso eu faço tua cantiga
— tempo de nada, vôo de ave
no teu sorriso leve e infinito —
rosa de prata!

Para que dures, porque és bela,
em sua pétala é que habitas
Santa Cecília.

ROSA AZUL

Um bandolim tocava em lá menor,
e o veludo fluía nos segundos
na letargia azul de cor difusa,
inundando de aromas a penumbra.

Contemplo a mão que toca na corola
da flor de gelo e brasa clandestina:
é um bandoleiro audaz e donairoso,
olhos de águia em brilho purpurino.

Do meu lugar, tudo parece alheio
ao gesto lesto do moço altaneiro,
rebaixando a cabeça para o beijo.

Muda-se a escala para si bemol,
e sangra o lábio audaz do aventureiro
pelo espinho eriçado de uma rosa.

ROSA DE LUXEMBURGO

*Lá longe, em casa, há a prece:
"Que volte cedo, e bem!"
(Malhas que a história tece).*

Em um mil novecentos e dezenove.
Nas pétalas, a mira de um fuzil
devastou a corola dos sonhos
– em 15 de janeiro, e o silêncio.

Palavras?

O silêncio é a maior das represálias.
E nada em ti falava mais,
nas águas rubras do canal Landwehr.

*No canal abandonado
que a brisa nem mesmo aquece,
de balas trespassada
– muitas, de lado a lado –,
jaz morta, e arrefece.*

Vermelha, essa rosa?
Rosa de sonho e metal –
em busca da face humana.

Morre a cada ano na cidade amada,
Berlim, no horror de suas garras:
a difamação tem sua própria história.

Inimiga da Revolução de Outubro?
De um Lênin dito bárbaro e asiático?

Imaginava um mundo
em que os homens pudessem
cantar nas ruas, libertos
da humilhação, fome, e do medo.

*Lá longe, em casa, há a prece:
"Que volte cedo, e bem!"
(Malhas que a infâmia tece).*

*Jaz morta, e apodrece,
a menina de sua mãe.*

A ficção da mácula,
suas raízes profundas,
não tocam mais naquela mulher
em seu pensar indômito,
na rosa da quietude,
irmã das estrelas, cega,
para sempre cega,
para sempre nossa
rosa da esperança.

ROSA DAS HORAS

Há luzes na agonia onde me perco.
Mais perto, a formosura que me furtam.
Quero da hora, a rosa, neste cerco.
É pulsação da vida. E o tempo escuro.

Espaço em que me cegue o toque leve
de seres imutáveis na certeza
– uma, apenas, serena, sem retoque,
– ao divisar a face da beleza.

Nem mais, mesmo a beleza. Quero o mundo
das incertezas em que me navegue
um sol de visões claras. No mais fundo

desejo de teu gesto que se entregue
ao tão simples querer do beijo, leve,
que floresce em jardins de rosas breves.

ROSA VIOLADA

A minha dor não vive em minha casa,
mas num jardim de séculos correndo
em seu tropel mordaz. O tempo abrasa,
e o engenho desta hora vai sofrendo.

Das avenidas largas na cidade,
os carros atravessam linha torta —
cavaleiros em motos, sem idade
vieram me abordar em minha porta.

Um levou-me o relógio. Outro o anel.
O meu cordão de ouro se partiu.
E o quarto bandoleiro me sorriu

ao ter o meu olhar dentro do seu.
Sacou da cinta arma enrubescida.
Beijou-a. Deu-me a rosa e a minha vida.

LIÇÃO DE ROSA

A matéria que paira, pétalas aéreas
abranda a dor dos dias —
nem busco mais respostas.
Aprendo com as abelhas a escolher a flor
das flores, a mais densa
em seu possível mel.
A noite desce súbita, e um punhal perfura
o torso exposto, calmo.
Abrigo a dor das horas
em meu cofre de lavas.

Nasci para a doçura — debruçar-me ao vento,
sem palavra nem medo,
simples, só, serena.

É o que aprendo da rosa, rosa cor-de-rosa
nascendo em meu jardim,
Não ouse o jardineiro
acordar do seu sonho a pétala a voar.
Por ser a rosa corpo
em roupa só de flor,
não se pense que morre ao se despetalar.

CONFISSÕES À ROSA I

Ora contemplo o rosto
palidez do lírio,

e o tempo adianta-se
em sedas e cetim.

Sequer posso chorar
nesta hora cruel,

mas cultivo tua alma
em canteiro secreto.

Podes mirar-te em mim
face à dor e ao carinho,

que tão volátil surjo,
entre nácar e uva.

E assim, quando me vires,
serás flor sem fim

no cofre da palavra.
Rosa, entre tanto espinho.

CONFISSÕES À ROSA III

Chamejas, surda, textura cerrada,
fosses tu concha ou túnica de monja.
Em ti percebo a face, a mais amada,
mas me assusto com outra, em que me sonho.

Espelho ou lago, refletas minha face
exposta ao tempo em larga tempestade.
Enquanto te protejo da procela,
abandonas-me – esconsa, muda e cega.

Tu és da primavera, interminável,
e eu, no desamparo, vago, nua,
curvada pelo inverno, em sede louca.

Não suspeitas do amor, não sabes nada:
se palmilho entre lágrimas a rua,
só eu te vejo, vives nesta boca.

CONFISSÕES À ROSA II

Não te dás conta. Te amaria sempre
— fosses tu algodão, fosses de seda.
Se eu fosse como és, seria bela.
Se fosses como sou, serias vera.

Tu te escondes no canto do jardim
onde existem só rosas, e ai de mim!
Sou de carne, de vozes e canções —
eu sobrevivo, só, nas estações.

Tua face já destila em cor, e coras —
e eu te contemplo no inverno e no outono
na mudez deste andar do meu andar.

E tu, rosa cruel, tão surda e sonsa,
não cogitas de dores nem és doce,
nem saberás jamais quê é o amor.

ROSA DE VENTOS

Assim que olhei na tua face,
percebi clarões intensos
de estrela, no rosto móvel.
Era o poder desta rosa

com seu séqüito de chama
a acender almas de gelo.
Olhei de novo, e ventava —
desnudou-se a flor amada.

Mas tua face, irrefletida,
hospedara-se em minha alma,
onde os ventos nada agridem

o andar volúvel das horas.
Tu te ausentaste da cena.
mas eu sou, sei, como sempre.

ROSA VIRGÍNEA

Vinha ela alta noite, mas revinha
das estradas de outrora, sem cessar,

no contínuo mover-se do caminho.
Sem roteiro. Sem rota. Só. Andar.

Sem qualquer luz, sem nada vislumbrar,
cego, só percebia o vulto amado –

noiva, há tanto tempo já partida,
no carrossel do tempo adormecida

A cidade vivia, enquanto amava
seu mover-se constante rumo à vida.
O moço procurava ver a face
amada, meio a tantas, esquecida,

enquanto, agonizando, contemplava
a miragem do amor, rosa virgínea.

imaculada rosa que chorava,
refeita em sangue, desdobrada em espinho.

ROSA SEDUÇÃO

O perfume se espraia
de seu nicho de fragrância,
e o aroma se fazia
concha morna em ar de anil.

Eu nem sabia de vento
eu nem sabia de flor
na cor ausente do ermo
coberto de argila e dor.

Cetins, gazes, sedas, lãs
as mais finas, as mais tênues
esgarçam-se à voz do tempo,
e o desejo sonha e canta.

Alma de ar, vestido justo
no corpo de florescência
rosa-menina em semente
brota do chão num futuro.

Vejo agora a cor da face,
aliciando a canção
audaz, astuta, olorosa –
o seu nome é sedução.

ROSA INVISÍVEL

Há rosas nas redomas dos altares,
desliza a noiva leve e linda e clara,

e o anjo extingue-se em perfumes alvos
- suor de rosas, nebulosas, vagas,

rosas fechadas num esquite branco.

ROSA DE VENTO

Assim que lhe olhei a face,
recebi a luz intensa
de estrela, no rosto magro.

Era a rosa em seu poder,
com seu séqüito de fogo
a aquecer alma de gelo.

Olhei de novo, e ventava –
desnudou-se a flor amada.
Mas a rosa cor-de-rosa

hospedara-se em minha alma,
onde ventos não avivam
o pulsar da hora extinta.

AS QUATRO ROSAS

Esfogueado tropel
adentra a madrugada
em jardins suspensos
no sonho da flor.

A rosa de ouro
no broto da espera,
e a rosa encarnada
revelando o amor;
rosa cor-de-rosa
diz da alegria,
e a rosa cândida
é pomba da paz
em seu fulgor.

Daqui percorro
o sonho da flor.

ROSA DE ESPINHOS

Aguardo o momento
do broto da flor
no jardim de sempre.

Desponta a alegria
da alma em joelhos
no corpo de espera.

No jardim da casa,
onde plantei rosas,
há tantos espinhos,

e a rosa carmim
fere a mão aberta,
chaga de cetim.

ROSA FUNÉREA

Foi que as mãos
se apartaram
e a vida pesou
no cálice, vazando
a espera do nada.

Ficou uma flor
de pétalas soltas
memória de sangue
no piso da casa –
e o passo moveu-se
da esquina do adeus
à via sem porta.

ROSA ESTRELA

Nesta febre cruel que me devora,
muda-se em rosa a dor do meu martírio.

Se da mão da criança nascem rosas,
o som da voz amada acende círios.

A luz do sol se entorna em seu nascer,
e anjos se recordam: a rosa é estrela.

ROSA MÍSTICA

Suas hastes serenas não têm farpas,
suas folhas amenas não têm felpas –

flor de milagre, tecida em ouro,
surge delgada do fosso aberto,

e mais dezenas caem a meus pés.
Sino de roda avisa o momento.

Fitam meus olhos cavalos glabros.

A ROSA MÍSTICA

Há uma mulher de rosa, estrela e luz
e virgem, a quem Deus deve o humano ser.
Ele lhe deu ser Mãe de Deus duas vezes,
na manjedoura e no final, na Cruz.

Começo e fim, mistério do princípio
da humanidade, então, já redimida:
- o Cristo, o ungido, torna-se Jesus,
o Redentor, o Salvador do mundo.

Mãe Imaculada, intercedei ao Pai,
só vós podeis rogar por nós, rogai,
nosso pecado assusta e assedia.

A dor de cada dia, a dor humana,
em chaga dolorida só se amaina
com o amor da Rosa Dulce, ave, Maria!

ROSA SUSPEITA

Desconfio de uma flor
diversa de qualquer outra:

o seu perfume atravessa
guerra, lei, amor e morte,
acolhe dia e desgosto,
canta nas quatro estações
alegrias e janeiros,

num suspiro de mulher
dentro d' alma de uma estrela
vive rosa, morre em asa.

ROSAS DE VÊNUS

Vênus resplende,
e as cortesãs,
mãos de perfume
lavam o adro.

O altar votivo
torna-se flor,
rosas exalam,
al primo canto.

César recosta
sua cabeça
em crina de ouro:
vem da batalha.

Exausto sonha
e vê a rosa
do seu desejo
esmigalhada.

Vênus acorre,
banha-lhe a fronte
com mel de rosas,
e César chora.

No Capitólio,
centuriões
afiam o gume
de sua espada.

ROSA DOS VENTOS

Abre-se a carta náutica,
ao Norte a flor-de-lis,
a Leste
assenta a Cruz.

É a rosa-dos-rumos:
a apontar um mundo
para o homem,
perdido no centro
da melancolia.

O timão busca
o Norte verdadeiro
nas pétalas radiais
enquanto os ventos sopram
no epicentro.

Cada pétala
se faz de vento
gradações do martírio,
sem idade.

Lá está o homem,
o torso encoberto,
a testa nua
de viajante eterno.

Sopra o simum
nos cabelos de mormaço,
e o tarasco rasga a pele.
Busca-se o setentrião,
e o mistral responde
(que venha a gravana
à paz de nossa pele),

enquanto o alíseo
inventa o Noroeste.

Aqui, o Nordeste brinca
em brisa e beijo
no horizonte híbrido
de um país imenso.

Aqui, aportaram caravelas
em busca de uma rota
(o éolo varria a calmaria)
ausente de qualquer pétala -

todas as folhas cantam em suas hastes,
e a mão verde do vento canta nelas.

ROSA DE JERICÓ

Esta emoção divina é da infância,
e tudo se dissolve no perfume
de um domingo de luz:
a esfera de cristal dimana a voz
silenciosa de uma estrela.

O ardor da criança vê a rosa
entre medo e suspeita.
Os olhos assombrados
quase tocam a claridade santa,
com sede e imensa fome.

Onde há um espaço fora
para essa voz de dentro?
Para essa pétala ao vento?
Estende-se um manto assim
sobre qual dor?
Que céus refletem ali,
a alma oculta da rosa
em tanta pétala?

Busquei por toda a vida
essa flor preciosa,
secreta rosa
na memória,
no ópio de cada dia —

rosa da volúpia.
claustro de prece,
incoerência pura,
lucidez em tormento.

Alguém reza e alguém chora,
e o vento arrasta
por caminhos longos
a vida feita espera.

E vislumbro a rosa,
peregrina do deserto,
viajante incansável,

rosa *deleatur*,
purgada em verbo:
rosa redimida,
excede o diamante
em sua brasa e neve,
em sua face lavada,
em seu veludo ou seda,
Rosa de Jericó.

E o vulto de uma cruz
e um homem morrendo
e um deus renascendo.

ROSA COMPLETA

De alguma forma nos acanalhamos.

Rosa.

Ocorre oblíqua e cega
após toda vida já desde vivida.

Entre

Dois mil duzentos e vinte a. C. e

Este

A.D.

Anno Domini mihi delendum dominus tecum.

Agreste rosa
em “rosa” teu descrédito.

Bem que importa teu latino surto
caráter semiculto primitivamente
disseminação do susto de quererte
que te quero sonrosear.

Mas.

Ente. Como sempre.
Cultivo-te agora
desde quando

o olhar perscruta quente
tua face rosa equivalente
rododafne, rosa e laurel
rododendro, rosa e árvore

e sã seiva semente
enquanto o dente morde tua doce pétala
e espinho adentra tua carne em verso
devolves teu oráculo, cravas o reverso
simultaneamente.

Tão precoce rosa
nos dicionários
mesmo após a rosa é uma rosa é uma rosa
ou rosa trismegista, rosa deflorada.

Ooooooooooooooooooooooooooooo My Luve's like a red, red rose
so deep in luve am I
though it were a thousand mile.

Desistida Ofélia
há algo de podre neste reino
qual rosacamélia, tal rosacanalha
sobrelevas teu fantasma
rainha e não rainha.

Já vens e és passado, sei.
Pedra não mente, nem mente o sol,
solo de Cabral, lá de onde as naus,
feito espinho para depurarte
holanda. De clara holanda vestis
Vosso corpo, linha Infanta.

Gelada rosa.
Rosa, este espinho
num laço de fita
formosa Pepita
belicamorosa.

Arte do artifício, difícil
natureza, outra, arrogante
que bom, que beau
de l'air
irresistível, mente humildade
centelha, cintilas, falas
serrana bela.

Tanta devoção,
árdua jardinagem
para que tu ardente
te floresças.

Rosolís, licor, loucura
ros solis, rocío del sol

carícia.

Tremem os descrentes, pois espinho mata.
Beleza pasma e passa (quem não sente?),
mas és este suporte, corola desta gente.

Iremos te purgar
em vértebra, espinhaço
a sustentar a insânia
a forja da fragrância.

Tu és a louca da imortal Loucura
a louca da Loucura mais suprema.

Blasfêmia.
Dorso de serpente, face rosamarga
teus braços abertos, cabeça encurvada
coroa de cardos, a lança, o vinagre.

Ressurreta rosa
noiva do poente e brilho desta lágrima
singras desatada em madrugada pálida
sangras cada lua, menarcas sem pausa,
morta de seu sumo
logo coroada.

[Gertrud de Matogrosso Ramos, Graciliano Robert Stein, Eugênio Caetano, Pedro Burns (que ardes tropical e lusa), Jorge Alves de Castro Álvares (que te quero mar), João da Cruz Buarque de Lima (há um ausente na colheita, que te quero amar) - Emmanuel - Luz Luzes Rosa Eucarística].

Rosa este espinho
esta mordida mádida
entre canora e cálida
qu'entre beijo e susto
entremedeia o astro
ou estro, que te narra.